

O FAZER COMO VALOR

CARLOS E. MATHEUS

Abstract: Values can be understood as the only visible source of human acts since that will has many invisible causes. Making the life and building the history is no more than a deep values perception and realization. Humankind are so related to values that life cannot be understood without them.

Aristóteles na *Ética a Nicômaco*, esforça-se por investigar a causa das ações humanas e não a encontra dentro de nós. Ao distinguir as causas voluntárias das involuntárias, converge para a noção de que o agir é algo que nos atira para fora. Depois de excluir os atos involuntários – que são movidos por necessidade – e também depois de distinguir deliberação de desejo, converge para a noção de que agir é escolher algo sobre que possamos deliberar.

Ao buscar a gênese do agir, conclui que o ser humano “é um princípio motor de ações”. (*Ética a Nicômaco*, 1112.30). O agir define-se por si e só pode ser compreendido por seu objeto. Haveria uma causa anterior? O agir explica-se pelo objeto de nossas ações e nunca por quaisquer causas anteriores. Somos portadores do princípio do agir que, segundo Aristóteles, é o traço que nos diferencia de todos os demais seres do universo.

A rigor, não sabemos por que agimos. Por impulso ou por princípio, esta causa do agir assemelha-se à nossa incapacidade de demonstrar que pensamos. Se Descartes não foi capaz de recuar para aquém do cógito e se Kant não foi capaz de retroceder para aquém do ato de pensar, é porque a causa de nossos atos permanece na sombra do indemonstrável.

Carlos Eduardo Matheus é professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Só sabemos por que agimos quando nos referimos ao objeto de nosso agir. Daí decorre a transferência do problema para o terreno do fazer. Depois de afirmar que todos os nossos atos “têm em mira um bem qualquer”, Aristóteles associa este bem a um fim de nosso “fazer”. Para Aristóteles, o *éthos* repousa em um agir que se concretiza, que se corporifica pela destreza e pelo aprendizado da *práxis*.

Não é possível identificar o agir ao fazer. Se não sabemos por que agimos, sabemos por que fazemos. O agir resulta de uma necessidade ou de um princípio necessário. O eu é um centro gerador de ações. Ação é o próprio princípio vital. O eu é uma capacidade de agir. Kant refere-se ao “ato” de pensar como se a própria razão pura fosse sustentada por um EU agente. O EU só alcança sua identidade na imediatidade do agir.

O agir é portanto um tirar-algo-de-si que nos revela quem somos. Só sabemos quem somos agindo. Parece necessário distinguir o agir do fazer e o fazer do realizar, embora estas três noções tenham o mesmo sentido ou a mesma direção. Convergem para o objeto. Agimos por aquele mesmo princípio interno que atira nosso ser para algo fora de nós, como se para ser nos fosse sempre necessário realizar algo.

Toda e qualquer suposição sobre causas do agir mergulha na sombra invisível das origens cósmicas tanto quanto temos diante de nós a sombra indefinida das metas de nossas ações.

Somos um impulso de realizações numa luta incessante por algo que supomos embora nem sempre sejamos capazes de antever e nem sempre capazes de alcançar. Nossos atos só se efetivam quando realizados, isto é, quando se convertem em coisas, em algo visível. O agir pede uma concretização sem o que permanecemos inativos. Spinoza diz que somos ativos quando expressamos uma causa adequada aos objetos externos e ser ativo é aumentar nosso ser.

Há pois uma clara diferença entre agir, fazer e realizar. Agir é um sair causal do ser que somos em busca de um objeto no qual realizamos nosso ser. Esta realização do ato é mais do que uma simples explicação na coisa ou no visível ou no plano do sensível. É também um retorno e uma descoberta do próprio agente. Ao agir, realizo algo que trago dentro de mim. E ao realizar “algo” eu ME realizo. O fim de nosso agir acaba por convergir para algo em nós. Este parece ser o sentido da *eudaimonía* de que falava Aristóteles. A felicidade não está nas coisas e sim no que delas retorna a nós depois que realizamos nelas algo que pelo agir fomos capazes de tirar de nós.

O agir tem por meta a auto-realização do eu. Nossos atos só se efetivam quando nos permitem nos sentirmos realizados. O agir é intransitivo. É um mero impulso interno em que, como diz Spinoza, necessidade e liberdade se fundem no imperioso exercício do ser. O agir busca este mesmo ser através das coisas que as converte como se nos faltasse o essencial que consiste em saber quem somos.

Realizar-se é reflexivo: é o retorno da ação ao eu para torná-lo conhecedor de si. Agimos para conhecer quem somos e só começamos a descobrir quem somos aos nos sentirmos realizados pelo que fizemos.

O fazer insere-se, portanto, entre o agir e o realizar. Inclui o agir mas o transforma e é indispensável na auto-realização. Só consigo realizar-me se tiver feito algo em que me veja ali realizado. Ao fazer, faço-me na coisa e transporto-me nela. O fazer é *téchne*. É o realizar com as mãos, com o corpo, com a totalidade de nosso ser. É o agir no qual nos pomos por inteiro.

A história é um imenso fazer. Milenar, imemorial e infinito. Estamos sempre fazendo como se o viver coincidissem com uma seqüência interminável de movimentos deliberados que tiramos de dentro de nós. Fazemos produtos, atos, gestos. O fazer é a própria expressão do nosso ser. Somos o que fazemos. Ou, talvez, fazemos o que somos. É muito estreita a diferença entre o ser e o fazer porque nunca sabemos quem somos senão por aquilo que fazemos.

Será, contudo, que conseguimos saber quem somos pelo que já fizemos? Onde jaz o fazer? No fundo de nós? Nos olhares alheios? No vazio do tempo? Neste mar imenso e sem fim da memória? Se juntarmos tudo que já fizemos, nem assim escapa, ultrapassa ou se oculta sob todos os nossos atos, gestos ou passos. Tudo que fizemos – individual ou coletivamente – se incorpora em nós e nos instala no mundo.

Fazemos desde que nascemos e só na morte deixamos de fazer. Será também a morte algo que fazemos? Ou um novo modo de fazer?

Não saber quem somos não implica em não saber fazer quem somos. Desconhecendo o que há no fundo de nós e muito mais, o que seremos quando já nada nos couber fazer, nem por isso desconhecemos o que queremos, devemos ou podemos fazer. Do que fazer sabemos porque estamos sempre nos perguntando – como no castelhano de Ortega Y Gasset – “que hacer?” A vida é uma contínua pergunta e uma constante resposta sobre o que fazer. E só fazemos quem somos. Não fazemos o outro embora o outro possa mostrar-me quem sou. Ninguém pode fazer “pelo” outro embora possa fazer “para” o outro – o que resulta em um fazer-se no outro.

Será isto um desígnio cultural? Seremos nós, os ocidentais, que revelamos o fazer como substituição do ser? Certamente os orientais, os egípcios e os gregos da antigüidade conhecida inseriam o fazer na sua milenar dimensão do oculto e na sua ritual inserção no Cosmos.

Contudo, o fazer antigo teve sempre o intento da perpetuidade. Unificar os corpos, construir pirâmides, longas muralhas continentais ou *acropóles* monumentais foram sem dúvida expressões atemporais de um fazer que se pretendia eterno. O fazer antigo buscava antes de tudo a perfeição do gesto na exatidão da forma. É o que Aristóteles entendia por *mesótes*, há muitos modos de não fazer bem, mas somente um de fazer bem. E fazer bem é a perfeição do ato na realização do gesto.

O que difere nosso fazer ocidental daqueles outros que nos antecederam é a sua transitoriedade. Já não fazemos movimentos contra o tempo e sim pedimos ao tempo que perdone tudo que fazemos. Esquecemos rapidamente do que já não faz parte de nosso cotidiano e suprimimos de nosso presente tudo que é passado em nome da renovação constante num processo de permanente inovação.

O “realizar” contém portanto o “realizar-se” porque nos realizamos naquilo que fazemos. Realizar é mais do que fazer porque inclui a revelação de nós nas coisas que fazemos. O fazer é mais do que um *éthos*: é uma *gnôsis*. É nossa única janela para o ser. Não o ser universal, nem esta natureza inalcançável, nem a imensidão das energias cósmicas e sim o ser de nossa própria individualidade.

Somos o que sabemos ser ao realizar-nos fazendo. Tarefa inserida em nós que se converte em gestos para o trabalho de completar a obra ou recriar o mundo ou prosseguir em sua continua transformação.

Realizar-se é conseguir “ser” através do valor daquilo que fazemos. É sentir-se pleno na concretização da obra, é elevar a coisa ao valor que temos e é ver na coisa o valor que vemos.

Por fim chegamos ao estuário do fazer que resplandece na fulguração dos valores com que nós sentimos nos realizar e nos sentimos realizados.

Os valores constituem a fecundação das coisas e transfiguração do eu. Quando nos sentimos realizados, sentimos também que algo de novo e de imaterial se agregou à coisa, para conferir-lhe um significado e uma importância específicas. Já não temos mais a coisa pura e nem estamos carentes de nosso próprio ser. Temos a realização do valor na coisa que nos torna por si sós valiosos por termos realizados não apenas o que da coisa é valor mas também o que de nós se põe no valor da coisa.

Produzir – até mesmo no sentido econômico em que o trabalho é um transferir valor – consiste portanto em conferir valor ao que não tem valor, revelar valor a quem se desconhece como ser. Produzir é tornar algo útil. A utilidade é o valor mais sólido e mais consistente embora não seja nem o maior nem o mais nobre. Há vários níveis do *agatón* mas tudo começa pelo que vale por sua utilidade.

Ao nos realizarmos nas coisas (atos, gestos e obras ou tarefas) que fazemos nós também nos realizamos a nós mesmos. O produto já não é mais a coisa. Nós somos o produto do que fazemos porque produzimos nosso próprio ser. Somos o que fazemos e nos realizamos em tudo que fazemos. Nem tudo: apenas naquilo em que fomos capazes de colocar valor mas apenas no sentido genérico e principalmente no sentido positivo em que a polaridade positiva suprime a negativa. Valores são sempre positivos e negativos complementarmente. O útil atrai o inútil tanto quanto o verdadeiro atrai o falso e o feio atrai o belo.

Os valores não são produtos de nossa mente e nem são acréscimos que atribuímos à realidade. Valores são entidades ou essências que se inserem entre nós e as coisas não apenas para torná-las coisas e sim também para tornar-nos visíveis. Nós somos o valor que somos no que fazemos e nos realizamos ao realizá-los.

Aristóteles diz que “os homens buscam a honra para se convencerem a si mesmos de que são bons” (*Ética a Nicômaco* 1095, 25). Este buscar o reconhecimento no outro (através da honra) inclui um saber que nos falta do valor alcançado. Não desconhecemos o que é “ser bom” mas nunca temos certeza de sê-lo. Para isto, é preciso fazer algo. Fazendo, descobrimos se nosso ato é valioso.

Talvez seja possível dizer que a causa ou o princípio de nossas ações esteja no próprio valor. Queremos “ter valor”, através do reconhecimento alheio. Se tenho valor, posso saber quem sou: passamos a ser pelos valores que realizamos.

Fazer é portanto o ato de captar e de produzir valor. Enquanto o agir é a busca do valor, o realizar é a convicção de tê-lo alcançado. Entre o agir e o realizar, insere-se o fazer.

Fazer tem um conteúdo mágico para o ser humano. Nossa *eudaimonía* está em nosso fazer. Se não sabemos por que agimos, descobrimos quem somos pelo que fazemos.

Giambattista Vico dizia que só se pode conhecer o que se faz. Portanto, dizia nos ser impossível conhecer a causa do universo. Contudo está ao nosso alcance conhecer o que fazemos por ser algo que saiu de nós e

retornou a nós. Vico dizia que conservamos o conhecimento de nosso ser pela história que carregamos conosco.

O fazer é mais do que um produzir coisas – é a realização do eu. Neste sentido, realizar é o desfecho do fazer do mesmo modo que o fazer explicita o agir. No agir, pressentimos o valor e no fazer, o captamos. Fazer é, portanto, captar e realizar valores.

Resta agora saber em que medida os valores são a causa ou o produto do que fazemos. Para tanto, será necessário dar ao valor seu significado vital. Valores não os vemos porque continuam objetos transparentes, translúcidos ou imperceptíveis. Não estão nas coisas do mesmo modo que os descobrimos por que nos faltam. Estão entre nós e as coisas porque nos atraem para elas. Só vemos aquilo que para nós tem valor ou aquilo em que sentimos faltar valor. E ao ver o valor da coisa ou nela ver sua falta, nascemos para o valor, tanto quanto o valor instaura a dimensão de nosso ser.

O fazer é transitivo: permite a transição do valor que falta para o valor que se realiza e permite a transição do eu que se desconhece para o eu que se descobre.

Fazer é realizar valores do mesmo modo que fazer é realizar quem somos, por que somos os valores que buscamos e nos vemos nos valores que realizamos.

O agir aparece-nos agora como uma intensa luta pela realização de valores. O acontecer da vida reside numa contínua luta pela criação da identidade do eu levada ao limite da transformação das coisas. É um compromisso tácito com a transformação do mundo e uma ruptura contínua com suas máscaras. Nietzsche identificou no humano este poder divino de recriar valores porque viver é uma incessante descoberta dos valores em permanente rotação. Os valores podemos dizer que são eternos não porque permaneçam sempre conosco e sim porque nos renovamos eternamente neles.

Lutamos pelo que vemos nas coisas buscando sempre algo mais que não reside nelas.

Quanto mais observo e reflito sobre a maneira como vivem os seres humanos, mais me emociona vê-los lutarem e sofrerem por realizar algo que muitas vezes nem sequer podem supor que seja possível realizar. Somos feitos de tais impulsos que não conseguimos nos impedir de nos atirar a esta luta como se viver consistisse mais em manter-se nela do que em vencer.

Lutamos pelo nosso alimento, pelos nossos bens materiais, pelo amor de outras pessoas ou pelo reconhecimento daquilo que fazemos.

Lutamos por coisas visíveis mas buscando nelas algo mais que não reside nelas. Se temos a sensação da conquista, logo esta ultrapassa o próprio objeto conquistado, como se tal objeto não fosse a meta daquela luta.

Somos movidos por um fogo interno que nos mantém vivos e nos atiramos a tudo por ser a vida esse próprio fogo. Sentimos sempre que nem tudo foi alcançado quando nos apoderamos do que buscávamos.

Que luta é esta em que reside todo esse fazer? Foi fazendo que saímos há milênios, cujo número já nem sequer sabemos, de alguma caverna ou de alguma transformação de animais inferiores para fazer nós mesmos nosso próprio alimento. Foi quando aprendemos a transformar os frutos das árvores ou da terra em alimentos planejados em agricultura que começamos a descobrir nossa própria capacidade de fazer. Fazer objetos e ferramentas para fazermos outros objetos e outras ferramentas como se de cada objeto saltasse a necessidade de seu sucedâneo.

Assim nasceu a capacidade humana de fazer sua vida tornar-se uma crescente transformação do mundo, sempre na crença de que, por de trás das coisas encontraríamos talvez a explicação de tudo.

Nosso fazer já não tem história própria. É só mudança. Já não somos mais capazes de eternizar o que se faz no efêmero nem se faz para sempre o que deve ser do dia. Tudo se perde quando se destrói no tempo a casa inteira em lugar do templo.